

Marina Meca Ferreira de Castro | Instituto Politécnico de Bragança

O USO DOS PEQUENOS RUMINANTES NA GESTÃO DA FLORESTA COMO REFORÇO DA SUSTENTABILIDADE DA ACTIVIDADE PASTORIL

Portugal, apesar de ter melhorado, nos últimos anos, as estatísticas relativas aos incêndios florestais, continua com valores preocupantes no que respeita ao número de ocorrências, extensão da área ardida, prejuízos económicos e ambientais e perda de vidas humanas.

As transformações sócio-económicas da segunda metade do século XX introduziram profundas mudanças nos territórios rurais, na relação das comunidades com esses espaços e nas relações funcionais entre os mesmos. A perda do uso multifuncional da floresta está na origem do aumento da carga combustível da mesma.

É hoje consensual que, nas condições ecológicas do País, os fogos são praticamente uma inevitabilidade devido à coincidência de três elementos chave: presença de combustível (abundância e tipo), condições climáticas propícias (verões quentes e secos), forte negligência no uso do fogo. É relativamente intuitivo, que apesar da sensibilização ambiental ser fundamental, os seus resultados são muito paulatinos e possivelmente só, substanciais com o passar de gerações, pelo que, em nosso entender, o esforço deve ser centrado na gestão dos combustíveis.

A gestão dos combustíveis pode ser feita por diversos processos, com custos, e resultados económicos e ambientais variáveis. Entre os mais comuns, destacamos: os tratamentos de corte ou arranque por meios mecânicos ou manuais, o fogo controlado, o tratamento químico e o pastoreio.

Ao longo da história, na região mediterrânica, as florestas sempre foram pastoreadas, havendo autores que defendem que o pastoreio das florestas é de facto o sistema agroflorestal¹ mais antigo da Europa, mesmo anterior aos montados². No entanto, com a submissão dos baldios³ ao regime florestal a partir dos anos 40, desenvolveram-se relações de conflitualidade entre a pastorícia e a floresta, que apesar de esbatidas em anos recentes, ainda não desapareceram completamente.

As profundas transformações das sociedades rurais foram acompanhadas por alterações nos modos de produção e nas tecnologias usadas. De um modo geral, a produção agrícola e

florestal especializou-se e concentrou-se sobretudo nas zonas mais favorecidas e a ideia de uso multifuncional do território perdeu-se ou esbateu-se significativamente. O uso deliberado do pastoreio enquanto ferramenta de gestão de combustíveis é uma ideia que precisa de um enquadramento moderno e realista.

Tradicionalmente era entendido que um rebanho, ao entrar num bosque, beneficiava de um aporte alimentar e, como tal, a haver pagamento, o mesmo era devido ao proprietário do terreno. Não pode ser esquecido, que este entendimento se reporta a um período em que as aldeias se encontravam densamente povoadas, havia uma forte pressão humana sobre o território e reduzido número de incêndios, uma vez que a biomassa combustível era usada para múltiplos fins, desde camas dos animais até fertilizantes orgânicos. Esse paradigma alterou-se radicalmente, os combustíveis perderam a sua funcionalidade e os incêndios florestais começaram, ano após ano, a intensificar-se.

Actualmente, o pastoreio da floresta deve ser entendido numa perspectiva mais ampla. De facto, o rebanho, à parte da sua alimentação, desempenha um serviço de limpeza que deve ser remunerado. Por outro lado, há perdas de rendimento resultantes do uso destes recursos de menor qualidade, e mesmo, necessidade de suplementação dos rebanhos para possibilitar o consumo dos mesmos até ao nível desejado. Ou seja, o objectivo estratégico de limitar a selecção alimentar dos pequenos ruminantes, fazendo-os consumir os recursos de forma mais generalista e em maior quantidade (por ex. reduzir a carga de combustível a 60% ou reduzir a altura da fitomassa a 50 cm), tem um custo associado à redução da produtividade animal que tem de ser compensado.

Ao longo das últimas três décadas, várias equipas de investigadores têm trabalhado no desenvolvimento de novos sistemas agroflorestais, designadamente silvopastoris⁴, com o objectivo de criar sistemas relativamente incombustíveis por natureza. Trata-se portanto de recuperar práticas antigas que necessitam de ser melhoradas e modernizadas para que possam ser reintegradas na gestão dos ecossistemas.



O uso do pastoreio como ferramenta de gestão de combustíveis na região mediterrânica é uma prática preconizada desde os finais da década de 80. Em França, e no âmbito de medidas agro-ambientais, há notícias de comunidades rurais que adquiriram rebanhos comuns com o objectivo essencial de gestão da floresta. Na região da Andaluzia em Espanha, o pastoreio intensivo, sobretudo de caprinos, é financiado para conservar a rede de corta-fogos no âmbito de programas de defesa contra incêndios (*Red de Áreas Pasto-Cortafuegos de Andalucía*).

O uso dos pequenos ruminantes como redutores biológicos deve ter em consideração as diferenças funcionais e etológicas entre ovinos e caprinos. Geralmente, os ovinos são classificados pelos autores como pastadores (*grassers*), por consumirem maiores quantidades de herbáceas. Os caprinos como consumidores mistos (*mixed feeders*), adaptando sazonalmente a proporção lenhosas/herbáceas, em função da sua qualidade. Também as diferenças em mobilidade e agilidade dos caprinos conferem-lhe uma aptidão superior para pastorear a floresta.

Como corolário, os sistemas extensivos de produção de pequenos ruminantes cumprem os três pilares conceptuais da sustentabilidade; do **ponto de vista social**, contribuem para a fixação da população rural em regiões desfavorecidas, podendo mesmo ser entendidos como âncoras sócio-económicas. Do **ponto de vista económico**, presenciamos uma forma singular de uso e exploração de recursos, através da concentração da produção primária dispersa e sua conversão em produtos de origem animal. Do **ponto de vista ambiental**, contribuem para a conservação do património genético e aumento da resiliência das florestas aos fogos florestais.

¹ Presença deliberada de árvores e/ou outros vegetais lenhosos perenes com produções animais ou/e vegetais na mesma unidade de superfície, a fim de beneficiar das interações positivas entre os diferentes componentes.

² Formações vegetais pluri-estratificadas de quercíneas em baixa densidade com estrato herbáceo pastoreado por ovinos, caprinos, bovinos ou suínos.

³ Terras comunitárias.

⁴ Presença de árvores e animais e/ou pastagem.